

# Aids ameaça ianomâmis de Roraima

Ronaldo Brasiliense

BRASÍLIA — Os médicos Bruce Albert, da Universidade de Brasília, e Ivone Andreatta Menegola, da Fundação Hospitalar do Distrito Federal, elaboraram um relatório sobre a saúde dos ianomâmis, em que denunciam a ameaça de contaminação por Aids entre os índios. "A eventual ocorrência de Aids nesta população deve ser pesquisada com prioridade, uma vez que essa doença pode se alastrar também por transfusões sanguíneas, necessárias em casos de anemia profunda pós-malária", alertam. Eles revelam que 31 índios internados na Casa do Índio de Boa Vista receberam transfusões de sangue entre agosto de 1987 e agosto de 1989. Numa das comunidades visitadas pelos médicos 91% dos índios estavam com malária.

No relatório, que será encaminhado ao ministro da Saúde, Alcení Guerra, e ao presidente da Fundação Nacional do Índio (Funai), Cantídio Guerreiro Guimarães, como subsídio à campanha de saúde que o governo está iniciando na área, os médicos mostraram-se preocupados também com o excessivo número de índios com gonorréia. O documento foi elaborado a partir de trabalho voluntário realizado na área indígena Paapiú, em Roraima, a primeira a ser invadida pelos garimpeiros em 1987.

**Garimpo** — O que os dois médicos constatarem na região, em três meses de trabalho, demonstra claramente os efeitos nocivos causados pela invasão garimpeira. Bruce Albert e Ivone Menegola visitaram cinco habitações coletivas dos iano-

mâmis, quatro delas situadas num raio de 15 quilômetros do posto da Funai em Paapiú, e a quinta a três dias de caminhada do posto. "As quatro primeiras habitações coletivas foram particularmente atingidas pelas atividades de garimpo. A quinta, mais isolada tanto das cantinas e barracões garimpeiros quanto das outras habitações indígenas, sofreu um impacto relativamente menor das doenças causadas pela invasão garimpeira na região desde agosto de 1987", relatam Ivone Menegola e Bruce Albert.

A população ianomâmi recenseada no Paapiú é de 246 índios, sendo que 225 destes foram examinados pelos médicos. Na comunidade Wakahusibiu, 91% dos índios estavam com malária, 68% estavam com anemia, 40% tinham infecções respiratórias agudas, 28% mostravam elevado grau de desnutrição, 11% portavam afecções dermatológicas e 36% eram portadores de cárie dentária.

Na comunidade Teberesike, a mais afastada das zonas de garimpo, as patologias encontradas e a percentagem de incidência na população era bem diverso do que foi constatado na comunidade Wakahusibiu: apenas 3% da população indígena da área havia contraído malária, só 17% dos índios estavam anêmicos, 6% sofriam de desnutrição, 19% eram portadores de cárie, mas todos os índios portavam afecções dermatológicas. Na distribuição dos 166 casos de malária registrados no Paapiú entre as comunidades visitadas, 63% eram do tipo falciparum, mais mortal; 16% vivax e 14% mista. "Esses dados demonstram a extrema gra-

vidade da situação de saúde da população ianomâmi do Paapiú", alertam os médicos. "O exemplo da habitação coletiva Teberesike, relativamente isolada da área de garimpo, indica o quanto a gravidade desta situação está associada à presença garimpeira nessa região desde agosto de 1987", acrescentam.

Ivone Menegola e Bruce Albert compararam os dados colhidos este ano com informações obtidas pelo médico Lévy-Bruhl no Paapiú, entre 1984 e 1985 — 197 índios examinados em seis semanas —, e chegaram à seguinte conclusão: naquele período, havia baixa incidência de malária (apenas 3% da população examinada), a anemia atingia apenas 4% da população, as infecções respiratórias atacavam apenas 10% da população examinada, não houve nenhum diagnóstico de desnutrição, a incidência de dermatoses infecciosas era de apenas 10% em toda a comunidade e a média de pessoas portadoras de cáries dentárias ficava em 22% sobre toda a população indígena.

Desde abril, quando o governo federal determinou a retirada de todos os garimpeiros da área indígena e mandou dinamitar as pistas de pouso, os índios ianomâmis estavam esquecidos. Das 120 pistas de pouso identificadas pela Polícia Federal, ainda restam 20 e cerca de 2 mil garimpeiros continuam explorando as terras indígenas. "Mesmo que os índios permitam, a ocupação dos garimpeiros no território só será legal com a autorização do Congresso Nacional", explicou o procurador-geral da República, Aristides Junqueira.

## DPF vai apurar morte de índios

O assassinato de dois índios da nação ianomâmi, nas aldeias Romuche e Oiami, ocorrido no último dia 6, motivou o procurador-geral da República, Aristides Junqueira, a determinar ontem a abertura de inquérito pela Polícia Federal. Aristides Junqueira disse que a intenção do Ministério Público é descobrir não apenas os autores dos crimes, mas também os chefes dos grupos, formados em sua maioria por garimpeiros, que já causaram a morte de 24 índios dessa nação.

Além do pedido de instauração de inquérito por homicídio, o procurador, em seu requerimento ao diretor-geral da Polícia Federal, Romeu Tuma, caracterizou como genocídio as mortes anteriores e solicitou a apuração individual de cada um dos delitos. "O Ministério Público quer impedir que essa matança continue, não é possível que a sociedade conviva com esses crimes", disse o procurador. Aristides Junqueira dividiu ainda a responsabilidade por esses crimes com alguns agentes públicos, que, na sua opinião, estão tratando o problema com omissão e negligência.

Desde a invasão do território indígena em setembro de 1987, a população dos ianomâmis foi reduzida em 15%, com a morte de 1.500 índios, causadas, em sua maioria, por doenças transmitidas pelos garimpeiros. A área destinada aos ianomâmis, em Roraima, é de 9,4 milhões de hectares.